

Despertar e Expansão de Novas Consciências: Outras Formas de Habitar junto à Beleza, Psicodelia, Terapia e Cura via Jardim Sensorial

Awakening and Expansion of the New Consciousness through another way of Dwelling: Beauty, Psychedelia, Therapy and Healing across Sensory Garden

Geovane de Souza ALMEIDA

PhD student in Urban and Regional Planning, Socio-environmental Dynamics and Territory at the Department of Geography at the Federal University of Rio Grande do Norte.

E-mail: psycoggeografo@gmail.com

Christel Angelina RIBES

Master in Environmental Sciences from the Postgraduate Program in Sustainable Use of Natural Resources at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Norte

Email: crhistelribes@hotmail.com

RESUMO

O Jardim Sensorial (JS) surge como uma ferramenta de expansão da consciência, inclusão social, transformando-se não somente em um espaço de lazer. As atividades realizadas no JS são práticas afetivas de sensibilização ambiental. Os JS são ambientes com capacidade curativa, terapêutica e psicodélica, fazendo com que os indivíduos acessem profundos níveis de consciência e percepção, estimulando a realizar grandes transformações pessoais e obter insights radicais sobre a vida. O JS desperta principalmente os cinco sentidos humanos, e, atualmente, além da função cênica e de recreação, passaram a atribuir a esses ambientes, algumas importantes funções educativas, poéticas e psicodélicas vez que estabelecem comunicações afetivas e multissensoriais com os visitantes. O objetivo geral do artigo é analisar como a implementação de um ambiente criativo, poético e interdisciplinar, que abrange os problemas locais a partir da observação e exploração de um Jardim Sensorial pode ser um caminho para a formação de uma educação ambiental inclusiva, que estimule a psicodelia e que amplie novas consciências, respeitando as diferenças de cada indivíduo e valorizando a diversidade. Nesta pesquisa, reconhecemos que uma abordagem qualitativa foi mais adequada e abrangente para compreender as interações entre as pessoas e o meio ambiente, superando, portanto, a lógica formal cartesiana. Este trabalho tem também inspiração na Pesquisa-Ação Participante, uma categoria de pesquisa que se diferencia da pesquisa científica tradicional por interferir no próprio objeto de pesquisa ao mesmo tempo em que o estuda. O JS desempenhou um papel como espaço criativo e geopoético de ensino, esses jardins contribuem para uma abordagem sócio-filosófica mais lúdica, facilitando a compreensão de conteúdos frequentemente considerados complexos. É na coexistência de elementos de planejamento e concepção dos espaços urbanos criativos que a história da cidade e da sociedade igualitária se realizam plenamente.

Palavras-chaves: sensorialidade; psicodelia; educação ambiental; habitar, Jardim Sensorial.

ABSTRACT

The Sensory Garden (SG) emerges as a tool for expanding awareness and social inclusion, transforming itself not only into a leisure space. The activities carried out at Sensory Garden are affective practices of environmental awareness. Sensory Garden are environments with healing, therapeutic and psychedelic capabilities, allowing individuals to access deep levels of consciousness and perception, encouraging them to carry out major personal transformations and obtain radical insight into life. GS mainly awakens the five human senses, and currently, in addition to the scenic and recreational function, they have started to attribute to these environments some important educational, poetic and psychedelics functions as they establish affective and multisensory communications with visitors. The general objective of the article is to analyze how the implementation of a creative, poetic and interdisciplinary environment, which covers local problems through the observation and exploration of a Sensory Garden, can be a path towards the formation of an inclusive environmental education, which stimulates psychedelia and that expands new consciousness, respecting the differences of each individual and valuing diversity. In this research, we recognized that a qualitative approach was more appropriate and comprehensive to understand the interactions between people and the environment, therefore overcoming Cartesian formal logic. This work is also inspired by Participatory Action Research, a category of research that differs from traditional scientific research by interfering with the research object itself while studying it. Sensory Garden played a role as creative and geopoetic teaching spaces, these gardens contribute to a more playful socio-philosophical approach, facilitating the understanding of content often considered complex. It is in the coexistence of elements of planning and design of creative urban spaces that the history of the city and the egalitarian society are fully realized.

Keywords: sensoriality; psychedelia; environmental education; inhabit, sensory garden.

INTRODUÇÃO

A nossa relação com o meio ambiente pode ser reconhecida pela conduta e comportamento de cada ser em seu momento particular. Barros (2018) comenta sobre a relação da criança com o ambiente natural, onde o distanciamento surge como uma importante crise da realidade atual, onde temos um mundo expressivamente globalizado. Reigota (2017) reitera que as pessoas vivem hoje em uma dicotomia, porque, em geral, nos vemos como um ser a parte da natureza. É imprescindível intensificar a busca por novas respostas espaciais, pedagógicas, políticas e filosóficas concretas que permitam minimizar esses problemas.

O convívio com a natureza e a redução dessa conexão podem gerar resultados de aquisição de significados e expansão da consciência através das nossas relações e vivências com o mundo (Lopes, 2021). Em meio ao estilo de vida atual nas cidades, os jardins são espaços que resgatam a nossa conexão com a esfera natural, sendo locais onde se pode apreciar várias espécies de plantas com diversas cores, formas, texturas e tamanhos: assim, os jardins também podem ser utilizados em diversas atividades na área da educação (Silva *et al.*, 2023). A Educação Ambiental (EA), nesse cenário, tem o poder de sensibilizar uma mudança de conduta, mentalidade e postura na comunidade, ao fazer com que essas pessoas se sintam inseridas na natureza e possam agir de um modo menos degradante. A EA tem a

capacidade de priorizar o foco no estímulo à percepção do meio ambiente através do contato com a naturalidade, corporeidade e práticas sensoriais.

Tuan (2012) ressalta que a nossa percepção é a reação dos nossos sentidos aos estímulos externos. A EA é uma ferramenta essencial para a sensibilização sobre a relevância da preservação e conservação. No entanto, muitas vezes essa educação é limitada ao ambiente escolar e formal, ao deixar de lado os espaços informais onde a população passa a maior parte do tempo. Além disso, as pessoas que possuem deficiência, periodicamente, são excluídas desses espaços, o que agrava ainda mais a falta de acesso a informações e atividades que promovam a conscientização ambiental. A implementação de espaços não-formais de educação pode contribuir para a inclusão e sensibilização socioambiental de indivíduos com deficiência, bem como oferecer oportunidades para o contato direto com o meio ambiente e estimular os sentidos de forma lúdica e saudável.

Dessa forma, os Jardins Sensoriais (JS) apresentam infinitas possibilidades de exploração para o público, pois podem ser desfrutados por pessoas com deficiência, idosos ou adultos (Machado; Barros, 2020). Wajchman-Świtalska *et al.* (2021) destacam que a principal diferença do Jardim Sensorial para os jardins comuns é que todos os seus elementos devem ser selecionados e projetados com o máximo de atenção e planejamento para despertar o máximo de estimulação sensorial. Para Silva, Botezelli e Imperador (2022) as atividades realizadas nos JS são práticas efetivas e afetivas de sensibilização e ressignificação ambiental. Os JS são ambientes com a capacidade curativa, que produzem expansão de consciência através da criatividade e sustentabilidade, ao fazer com que os indivíduos ampliem as suas experiências sensoriais.

Ao experimentarem a multissensorialidade, os visitantes do JS podem perceber que o meio ambiente é indispensável à sua própria existência: uma experiência que estimula a reflexão sobre a relação do ser humano com a natureza e a psicodelia (Abreu *et al.*, 2021). Quando falamos aqui em experiências psicodélicas no JS, nos referimos às diversas formas de manifestação da mente que não necessariamente envolvem o uso de substâncias psicoativas:

Psicodelia significa, em sua radical e substancial definição, manifestação da alma, da mente ou da consciência. Em um sentido amplo, na qualidade de adjetivo, psicodélico trata-se de uma expressão utilizada para descrever o conjunto de processos conscienciais induzidos tanto pelo consumo de substâncias psicoativas quanto pela realização de práticas místicas. Atividades de natureza holística como yoga, meditação, silêncio, isolamento, oração, jejum, privação sensorial, visualização ativa, caminhada contemplativa, criação artística, sonhos lúcidos, exercícios tântricos, esportes radicais, respiração holotrópica, alimentação alcalina, danças giratórias e tambores xamânicos, todos os procedimentos citados, também podem ser pensados como catalisadores dos estados expansivos do espírito que interessam à filosofia psicodélica (Freitas, 2023, p. 4).

Há milhares de anos a humanidade busca formas de ultrapassar as fronteiras da sua consciência. Como sublinham Freitas, Almeida e Castro (2023), o uso de substâncias psicoativas vem a ser um dos métodos mais utilizados para abrir as portas da percepção. Os JS estimulam principalmente os cinco sentidos humanos (Cordeiro *et al.* 2019). Além da função cênica e de ludicidade, tais ambientes passaram a desempenhar algumas importantes funções educativas, terapêuticas e psicodélicas, uma vez que estabelecem comunicações afetivas e sensoriais com os visitantes.

O jardim em si é um local que permite uma experiência multissensorial e psicodelicamente espacial. A visão é estimulada pelas diferentes cores das plantas, o olfato é aguçado pelos cheiros de flores e frutos, o paladar através da degustação, a audição pelo barulho do vento nas folhas e o tato pelas diferentes texturas encontradas nos territórios, tocando-as seja das mãos ou com os pés (Leão, 2007).

Logo, temos a capacidade de sentir, mas muitas vezes a deixamos de lado; em contrapartida, estimular os diversos sentidos das pessoas pode ser um processo enriquecedor no ato de nos reconectarmos com os nossos próprios corpos. Uma das opções para restabelecer nossa ligação com a sensibilidade no processo de aprendizagem é, justamente, criar espaços que fomentem a interação das pessoas com o meio ambiente. Por meio dessa interação, ao trabalhar questões que vão desde o aprimoramento da saúde mental até a inclusão social, é possível promover a Educação Ambiental.

As atuais maneiras de fazer e os diversificados usos do espaço urbano remetem a pensar na importância de um planejamento e ordenamento territorial que lide com a produção do espaço enquanto direito à cidade e justiça social. A cidade precisa ser entendida enquanto obra de múltiplas linguagens, táticas, percepções, práticas, experiências e multissensorialidades dos cidadãos em seus territórios urbanos (Almeida, 2022). Atualmente observa-se nas cidades do mundo, indivíduos, corpos e coletivos que ocupam os espaços e os ressignificam por meio de novas estratégias e táticas repletas de imaginação e criatividade. Diante do espaço urbano construído, os territórios usados são reinventados por meio das ações de resistência, de modo a escapar das padronizações imaginárias do olhar, o que por vezes pode provocar uma certa estranheza no cotidiano que não vem à superfície, ou cuja superfície é somente um limite avançado, um limite que se destaca sobre o visível (Certeau, 1994). Diante da iminência do caos urbano e ambiental neste início do século 21, nada mais natural que os cidadãos ajam de maneira poética e criativa por conta própria, na tentativa de sanar demandas urgentes. Mais que isso, de implementar iniciativas que resgatem o convívio, a psicodelia, a vida em comunidade e o respeito às diferenças e a luta diária por suas existências.

O JS emerge como um espaço criativo, curativo, psicodélico e geopoético que tem características projetuais constituídas para quebrar as barreiras que, por vezes, dificultam ou até mesmo impedem o usufruto dos direitos à cidade. As atuais práticas espaciais geradoras de novas tecnologias sociais, criativas

e poéticas podem ser compreendidas como “maneiras de fazer” outra cidade, que remetem necessariamente a uma experiência psicodélica, antropológica, poética, curativa e semiótica dos territórios usados pelos jardineiros (Almeida; Fortunato, 2022). Trata-se da edificação de lugares criativos, territórios usados pelos habitantes da cidade, em suas intervenções criativas, repletas de contrarrazionalidades, transumantes ou metafóricas, que se insinuem e materializam novas formas e funções urbanas no contexto claro da cidade planejada e visível.

Então, como o Jardim Sensorial, enquanto ferramenta e instrumento de transformação psicodélica em centros urbanos, pode corroborar para a inclusão e a educação ambiental de pessoas com diferentes formas de absorção de aprendizado em um ambiente interdisciplinar? Há poucas pesquisas acadêmicas sobre EA inclusiva, jardins sensoriais e a psicodelia como manifestação da consciência sustentavelmente criativa no Brasil e no mundo. Diante disso, o estudo sobre jardins sensoriais pode contribuir para a compreensão de como os JS podem ser criados e utilizados enquanto cenários para experiências psicodélicas, ecopedagógicas e criativas, capazes de ampliar a percepção e a inclusão social.

Cada indivíduo possui seu tempo e forma de absorver o aprendizado, nesse contexto há a inclusão social. O JS revela-se como uma estratégia significativa para fortalecer a conexão entre seres humanos e natureza (Oliveira & Vargas, 2009). A principal proposta desse jardim é servir como um instrumento de transformações psicodélicas das consciências urbanas, integração de corpos e corporeidades, educação para todos, mas, principalmente para a população que possui alguma deficiência, diferenciando-se, assim, dos demais jardins, vistos somente enquanto espaços de entretenimento (Ely *et al.*, 2006). O objetivo geral da pesquisa é analisar como a implementação dos jardins sensoriais, isto é, de ambientes criativos, poéticos e interdisciplinares, pode ser um caminho para a formação de uma educação inclusiva, ambiental e psicodélica, ao promover o respeito pelas diferenças e a valorização da diversidade.

A EDUCAÇÃO E A PERCEPÇÃO AMBIENTAL: UM RESGATE DAS MULTISENSORIALIDADES

Segundo o geógrafo Tuan (2012), existem diversas maneiras de perceber as paisagens e de se conceber a realidade através de experiências singulares. Nas palavras do autor: “Experenciar é vencer os perigos. [...] é necessário aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto. Para se tornar um expert, cumpre arriscar-se a enfrentar os perigos do novo” (Tuan, 2013, p. 18). Expresso de outro modo, ao entrar em contato com o ambiente, as pessoas usam os cinco sentidos em um processo relacionado a mecanismos cognitivos, ou seja, cada indivíduo percebe e reage de maneira diferente aos efeitos do ambiente.

Chagas (2007) discorre que reconhecer um ecossistema também significa perceber que nós fazemos parte dessas estruturas da vida, e como seres racionais e sensíveis devemos entender isso. Maffezoli (1996) argumenta que há o processo de ecologização, onde a natureza não é mais considerada como um objeto à parte, e, que agora se entra num processo de parceria, devendo ser considerada como parte de um discurso social.

Machado (1996), aponta como a percepção sobre o mundo é individual, pois depende da vivência pessoal de cada indivíduo. Segundo o autor:

Cada representação visual e concepção do mundo é formada pela interação de experiências pessoais, aprendizado, imaginação e memória. Os ambientes que habitamos, os lugares que exploramos, os universos que encontramos em obras de arte, e os reinos da imaginação e da fantasia desempenham papéis fundamentais na construção das nossas percepções da natureza (MACHADO, 1996, p. 97).

Merleau-Ponty (1999, p. 8) defende que, “a percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada, ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles”. Ainda segundo o filósofo francês: “tudo aquilo que sabemos do mundo, sabemos a partir de uma visão ou de uma experiência do mundo, a percepção está enraizada no nosso corpo, pois é através dela que se experimenta e conhece o mundo” (Merleau-Ponty, 1999, p. 8). Nesse sentido, a vivência se desenrola não apenas na consciência absoluta, mas através e dentro do corpo. Tuan (2012) explora os sentidos como ponto de partida para entender a natureza da consciência. Para ele a percepção, sensação, pensamento e emoção têm origem no âmbito sensível. Assim, como ressalta Mandarola Júnior (2020), o corpo pode ser pensado como epicentro de uma contextualidade afetiva e emocional. Dentro dessa perspectiva, a corporeidade vem a ser pode ser compreendida como experiência espacial ou geográfica.

Assmann (1998) sustenta que a educação ambiental tem um papel intrínseco na sensibilidade da sociedade. É natural que em algum momento da vida andemos desligados, operando no modo automático, e, a partir do momento em que percebamos isto, é necessário a criação de espaços transdisciplinares em que as nossas intuições mais sensíveis possam aflorar ou serem estimuladas (Chagas, 2007). A educação ambiental compreende todos os campos do conhecimento, o que a intitula como transdisciplinar e complexa (Leff, 2001). Através da sensibilização e percepção ambiental poderemos chegar à expansão da consciência e a novas formas de conceber a psicodelia, pois o sentir provoca a ação criativa e por conseguinte a consolidação de saberes inéditos. Rabinovich (2002) chama atenção sobre a importância de despertarmos os nossos sentidos através da natureza, visto que desse modo conseguimos perceber um sentimento de pertencimento ao lugar, quer dizer, criamos vínculos com o espaço.

Desenvolver trabalhos por meio de projetos e ações ambientais que integrem os participantes e que os permitam que exercitem a criatividade, a curiosidade e ampliação de consciência vem a ser uma das melhores formas de se trabalhar a EA (Berna, 2007). Não obstante, Bedim (2005) argumenta sobre a conscientização que só será alcançada através de experiências de interpretação ambiental que estimulem os nossos cinco sentidos. Nessa perspectiva, temos o Jardim Sensorial, capaz de despertar em nós a multissensorialidade, através de práticas educativas, terapêuticas e curativas.

As atividades passíveis de serem desenvolvidas no Jardim Sensorial são embasadas no construtivismo, onde o participante constrói seus conceitos a partir de suas percepções prévias relacionadas às suas observações realizadas durante uma atividade (Bianconi; Caruso, 2005). As percepções ambientais prévias dos visitantes são essenciais para que o aprendizado seja construído, e, nesses termos, o Jardim Sensorial possibilita que os visitantes resgatem seus saberes prévios sobre as plantas e instrumentos que estão presentes no seu dia a dia, através da sua percepção. A interdisciplinaridade da EA, contribui para a importância das ações pedagógicas e atividades que estimulam o despertar da consciência e criatividade, ao promoverem a construção de uma visão mais sensível em relação à natureza, cultura e sociedade, de maneira a contribuir na formação da cidadania (Borges; Paiva, 2009). Além das lembranças ou *flashbacks*, ao terem sua percepção sensorial estimulada, os participantes se sentem envolvidos no contexto, o que faz estes se interessarem pelas práticas desenvolvidas no JS (Mortimer, 1996). Dessa forma, o JS dispõe de possibilidades para que ocorra uma educação ambiental não-formal significativa, uma vez que o visitante poderá construir ideias embasadas nas suas próprias experiências, ao criar uma relação entre as concepções prévias e o que ele está a aprender durante as vivências. (Baptista; El-Hani, 2006). Consequentemente, a partir da psicodelia propiciada pelo JS, pode haver uma evolução no perfil da percepção ambiental, onde as novas concepções vão coexistir com as ideias anteriores e serão usadas nos diferentes contextos sociais, quando for mais conveniente.

DESPERTAR E EXPANSÃO DE CONSCIÊNCIAS NO JARDIM SENSORIAL

A evolução dos padrões de vida urbana resulta em uma sobrecarga de estímulos sensoriais, informações, objetos e movimentos que podem amortecer os sentidos, distorcer a percepção e deixar os corpos em silêncio (Mandarola Jr., 2020). Conforme Leão (2007), ao longo dos primórdios das civilizações e através dos séculos, em diversas regiões do planeta, os jardins têm sido uma fonte inesgotável de expansão de consciências, prazer, cura, poesia e entretenimento para pessoas de todas as idades. Além disso, o autor ressalta que, mais do que simples áreas de terra com utilidade estritamente prática, os jardins representam um conceito ligado à ideia de beleza.

Leão (2007), conceitualiza o Jardim Sensorial:

entende-se por jardins sensoriais (ou dos sentidos) os espaços ajardinados, que objetivam a percepção e a valorização do mundo vegetal por outros meios, além do simples olhar. Além disso, podem ser utilizados como instrumentos de aprendizagem, inclusive de Educação Ambiental (p. 39).

De acordo com Osório (2018), os Jardins Sensoriais são amplamente reconhecidos por pesquisadores como uma valiosa contribuição para a promoção curativa dos efeitos nocivos da perda de sensorialidades no meio urbano e de uma educação ambiental mais inclusiva. Eles se tornam uma ferramenta de inclusão social, tanto para pessoas com necessidades especiais quanto para aquelas sem essas necessidades (Cordeiro *et al.* 2019). Esses jardins são locais adequados para a prática da educação formal e informal que proporcionam o despertar da mente e do corpo, de novas consciências. Assim mais uma vez compreendemos que as experiências psicodélicas não são obtidas somente através do uso de substâncias, mas também por meio do estímulo de órgãos sensoriais, que muitas vezes estão embotados por causa da vida nas grandes cidades.

O Jardim Sensorial desperta os cinco sentidos humanos, sendo eles, como sabemos: olfato, audição, visão, paladar e tato, que podem encontrar-se adormecidos devido à rotina dos cidadãos (Oliveira; Costa, 2006). Atualmente, além da função estética e de recreação, a esses ambientes passaram a ser atribuídas importantes funções educativas, curativas e terapêuticas, vez que estabelecem comunicações afetivas e sensoriais com os visitantes.

Veiga (2008) demonstra que o JS:

Propõe-se mostrar mais do que os olhos estão acostumados a ver. É como reconhecer a natureza de outra maneira, por meio da textura das folhas, do cheiro das flores e do sabor ou do som dos pássaros e vento. Mais do que um conceito filosófico, essa é uma ótima maneira para instigar o amor às plantas em pessoas (Veiga, 2008, p. 245).

No que tange ao uso do JS como uma tecnologia social multifuncional, ele pode ser considerado como uma tática de ensino por ser organizado fora das formalidades institucionais, no entanto, sem deixar de possuir finalidades educacionais. A partir do Jardim Sensorial as temáticas formais podem ser apresentadas e discutidas com estudantes em um ambiente criativo, saudável e sustentável, transformando-o assim em um ser ativo e também participativo no processo de aprendizagem, através do estímulo da curiosidade, do pensamento crítico e da preservação da natureza.

Ademais, segundo Barthes (1988), os elementos encontrados nos jardins sensoriais levam as pessoas a relaxar, o que contribui para um melhor diálogo entre os educadores e os visitantes. Um Jardim Sensorial bioconstruído, acessível e criativo pode tornar-se um espaço habitável, pois oferece uma variedade de experiências psicodélicas, sensoriais e poéticas, visto ser erigido com materiais naturais e

sustentáveis, bem como projetado para ser acessível e acolher a todos, independentemente de suas habilidades ou limitações físicas.

Em textos que vão de 1935 a 1961, o pensador Martin Heidegger fala sobre o humano, o mundo e o significado do habitar. O ponto de partida dessa meditação, que envolve perspectivas estéticas, ontológicas, antropológicas, éticas e linguísticas é a poesia e o verso de Hölderlin, poeta alemão citado por Heidegger: É poeticamente que o ser no mundo habita a terra:

O existir poeticamente não é, contudo, um existir inofensivo, ou um mero dizer caprichoso sobre o real; é despertar perante a realidade plena e também a consciência da indigência de nosso tempo, de nosso mundo, da era da técnica. Tempo de carência, tempo da fuga dos deuses, da angustiada espera dos deuses por vir (Heidegger, 2012, p. 20).

Comentando o verso de Hölderlin, Heidegger define o homem como “aquele que deve mostrar o “*que é*”, patenteando sua pertinência à terra, como “herdeiro e aprendiz de todas as coisas”, dialogando com o mundo, “nomeando os deuses”, estabelecendo a harmonia entre “terra e céu, deuses e mortais”, pela linguagem. Em sintonia com Heidegger, Marandola comenta: “Desse modo, a existência é fundada num habitar e este marca, demarca e transforma o espaço” (2012, p. 14). Quando criamos e oferecemos oportunidades para os indivíduos usufruírem da experiência sensorial e poética que o JS proporciona, habitamos poeticamente as terras, dizemos o significado das coisas, criamos um mundo e compreendemos o significado destas territorialidades.

Em 1950, *O Caminho do Campo*, Heidegger mostra, ao descrever um passeio, metaforicamente, a caminhada serena do ser humano em direção à constituição do mundo, não como mero dado, como mero conjunto de objetos, mas como significado, como interpretação dos dados. Mas outra vertente do viver no espaço também se enuncia no horizonte do existir (Pardo, 1991). Essa é a intenção da pesquisa e do Jardim Sensorial: a vivência do contato com as coisas, como luta com o imediatamente dado, para nele instaurar um novo mundo sustentavelmente criativo (Veiga, 2008). Num movimento contrário aos preceitos urbanísticos modernos, podemos considerar que o desenho da cidade deva surgir a partir do seu conhecimento, real, experimental, prático e ao mesmo tempo poético. Pensar e planejar um jardim sensorial para ampliação das consciências e percepções é uma base teórica e prática que demanda novos olhares, definidos a partir da apropriação direta do espaço, e em referências diretamente construídas e percebidas que permitam despertar a atenção individual e social.

Tendo em vista a diversidade de significados que a lógica do jardim sensorial enquanto ato geopoético de ocupação e intervenção criativa produz, consolidamos uma nova dinâmica urbanística e artístico-cultural. Para poder compreender as transformações de consciência possibilitadas pelo JS, primeiramente faz-se necessária uma análise espacial e imagética dos espaços habitacionais urbanos. A

semiologia nos ajuda nessa lógica, pois consiste em um saber que se dedica a compreender os sistemas de significação desenvolvidos pela sociedade e tem por objeto de análise os conjuntos de signos, sejam eles linguísticos, espaciais, visuais, como ritos e costumes (Barthes, 1988). A cidade, um jardim sensorial ou uma praça também se constituem como um discurso, e esse discurso é efetivamente uma linguagem: um veículo de comunicação com os indivíduos: “De certa maneira a repetição tornou a palavra/ideia “metáfora” esvaziada! Menos complexo falar da linguagem da cidade da mesma forma com que falamos da linguagem do cinema ou da linguagem das flores. Afinal, nós somos parte da vida da cidade” (Barthes, 1988, p. 154). Lembremos que se todos nós temos uma centelha de poetas e poetizas na cidade, a noção de linguagem deve ser a poética. Poetizamos sobre a cidade onde vivemos simplesmente por habitá-la, por atravessá-la, por observá-la. Contudo, o problema é extrair uma expressão como “a linguagem da cidade” de uma forma não somente estética.

Da mesma forma, deve-se confrontar este problema: como sair da metáfora para a concretização espacial de um Jardim Sensorial quando se fala da linguagem da cidade? De fato, se tivermos dificuldades para inserir num modelo de informação urbana, fornecido pela filosofia, psicologia, sociologia, geografia, arquitetura-urbanismo e artes é, precisamente, porque temos a ausência de uma técnica mais estratégica em nossos tempos, a técnica dos símbolos (Barthes, 1988). Conseqüentemente, necessitamos de uma visão científica ampla e interdisciplinar para transformar tais informações da edificação de um JS enquanto ferramenta de transformação e expansão de consciências urbanas. Sair da metáfora para a realização criativa de novas linguagens: é aqui que a semiologia (no mais generoso sentido da palavra: sêmen, semente) poderá nos oferecer desenvolvimento transformador do planejamento urbano criativo. Toda cidade é alguma coisa construída, criada por nós cidadãos. Para se ter um acesso à cidade, devemos tentar compreender o efeito da experiência no campo geográfico, psicológico, filosófico e recíproco dos signos na vida das pessoas.

Para a cidade de ser recriada não só no campo metafórico – e aqui não falamos de um ato poético eminentemente pelo viés estético, mas principalmente pela ótica da eficiência e efetividade prática da existência no ato de recriar seus territórios mais íntimo – é necessário que os habitantes se tornem poetas-criadores de novos espaços e territórios. Claro que não se trata de uma poesia clássica, centrada sobre um objeto, mas de uma poética que se desdobra em novas maneiras de fazer e de experienciar o espaço urbano através de significantes territoriais, criativos, práticos, e reais, como por exemplo, por meio do estímulo oferecido pelas experiências psicodélicas possibilitadas pelo JS. Segundo Gaston Bachelard sobre o potencial criativo e criador do poeta, a poesia e o ato poético ele diz:

O poeta não me confia o passado de sua imagem e no entanto sua imagem se enraíza, de imediato, em mim. A comunicabilidade de uma imagem singular é um fato de grande significação ontológica, voltaremos a essa comunicação em atos breves, isolados e ativos. As imagens

seduzem tarde demais - mas não são fenômenos de uma sedução. Pode-se, certamente nas pesquisas psicológicas, dar uma atenção aos métodos psicanalíticos para determinar a personalidade de um poeta, pode-se encontrar assim uma medida para as pressões - sobretudo para a opressão - a que um poeta teve que se submeter no decorrer da vida, mas o ato poético, a imagem súbita a chama do ser na imaginação escapam a tais indagações. Para esclarecer filosoficamente o problema da imagem poética é preciso voltar a uma fenomenologia da imaginação. Este seria um estudo do fenômeno da imagem poética no momento em que ela emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado na atualidade (2003, p. 184).

Para Pardo (1991), observar, percorrer, desenhar, pensar, pintar, e escrever são vivências que permitem tanto que o espaço (corporalmente) nos habite e, no mesmo movimento, que nós habitemos os espaços: o que resulta em geopoéticas para produção de conhecimento geográfico (De Paula, 2015, p 36). O procedimento de permanência e exploração dos lugares ao longo dos trabalhos de campo na criação do Jardim Sensorial vem com este sentido. As maneiras de fazer e os diversificados usos da cidade remetem a pensar a necessidade de um planejamento urbano e ordenamento territorial que lide com a produção enquanto valor de uso, mais que valor de troca. A cidade precisa ser entendida enquanto obra de múltiplas linguagens, táticas, percepções, práticas e experiências geográficas dos cidadãos em seus territórios, pois é no território criativo, de expansão da consciência, que o humano pode habitar como poeta. Habitar significa, pois, o modo segundo o qual existimos na terra pela experiência cotidiana.

A proposta de um Jardim Sensorial vem a ser proporcionar um ambiente psicodélico, agradável, estimulante, acolhedor e curativo onde todas as pessoas possam desfrutar da natureza e experimentar sensações diferentes. Ribeiro (2018) traz algumas alternativas inteligentes, táticas, com materiais de baixo custo que contribuem na confecção de um Jardim Sensorial mais acessível com o uso e reuso de materiais naturais e sustentáveis:

Quando se trata de selecionar o mobiliário para o jardim sensorial, é importante escolher materiais sustentáveis, como madeira proveniente de reflorestamento, bambu ou fibras naturais. Para orientar deficientes visuais é possível utilizar materiais como pedras ou pisos com texturas diferenciadas para criar trilhas táteis. Além disso, placas e sinais visuais podem ser feitos com materiais recicláveis, como plástico reciclado ou madeira reutilizada e letras em relevo para facilitar a leitura tátil.

As cascatas, fontes ou outros elementos aquáticos presentes no jardim sensorial podem utilizar sistemas de recirculação de água, minimizando o consumo e o desperdício.

Sobre a vegetação para o JS, pode-se optar por espécies nativas, diminuindo a necessidade de irrigação e o uso de produtos químicos. Além disso, técnicas de compostagem e manejo sustentável do solo podem ser aplicados para promover a saúde das plantas de forma natural (p. 53).

Ainda segundo Ribeiro (2018):

Esses são apenas alguns exemplos de como materiais naturais e sustentáveis podem ser utilizados para melhorar a acessibilidade em um jardim sensorial. É importante ressaltar que cada projeto pode ter suas particularidades e é recomendado consultar especialistas em bioconstrução e acessibilidade para

encontrar soluções adequadas às necessidades específicas de cada espaço (Ribeiro, p 54, 2018).

Para Eric Dardel, em sua perspectiva de uma geografia existencialista e fenomenológica:

Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem a Terra, uma 'geograficidade' (*geographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino (2011, p. 23).

Tais ligações, que para Dardel podem ser teóricas, práticas, afetivas e simbólicas, definem uma 'geograficidade': uma formulação filosófica da tomada de consciência de que o humano realiza suas formas de habitar historicamente, ou seja, uma situação temporal que concede a presença ao existir. A existência, por sua vez, se manifesta através de uma presentificação na Terra, ou seja, a geografia é originalmente a própria existência (Besse, 2011). Sendo assim, para construir um Jardim Sensorial, tomamos posse diretamente do espaço de forma sustentável com a bioconstrução e acessibilidade, em um ambiente aberto, com o propósito de oferecer uma diversidade de experiências no campo sensível. Construído com materiais naturais e sustentáveis, o JS vem a ser cuidadosamente projetado para garantir o acesso de todos:

Esse tipo de jardim pode ser criado com diferentes elementos sensoriais, como plantas aromáticas, texturas variadas, fontes de água, esculturas táteis, caminhos com diferentes superfícies e cores vibrantes. Além disso, a infraestrutura do jardim seria pensada para ser inclusiva, com rampas de acesso, trilhas amplas para cadeiras de rodas, sinalização tátil e visual, entre outras adaptações que permitam a participação de todos (Ribeiro, 2015.p 35).

SENTIR PARA INCLUIR: A INCLUSÃO SOCIAL COMO PARTE PRIMORDIAL DO JARDIM SENSORIAL

A nossa Constituição assegura o direito de todos os indivíduos à inclusão, e a cidade representa o ambiente no qual esse processo inclusivo deve ser prioritariamente concretizado em face do fenômeno da urbanização (Araújo; Maia, 2016). Todas as pessoas possuem o direito de desfrutar de uma vida social plena e essa experiência deve ocorrer de forma inclusiva, sem quaisquer barreiras ou impedimentos (Saule Júnior, 2016). Isso inclui garantir que indivíduos com mobilidade reduzida ou com deficiências tenham igualdade de acesso e oportunidade para usufruir da vida em sociedade. Conseqüentemente, a acessibilidade se refere à capacidade de todas as pessoas de utilizar e ter o direito de acessar, de maneira autônoma e segura, os equipamentos urbanos, edifícios, meios de transporte e tecnologias, assim como os serviços públicos ou de acesso público.

Conforme Saule Júnior (2016, p. 73), o conceito do direito à cidade emerge como uma resposta aos desafios urbanos e deve ser concebido com base em "princípios, ações, metas, indicadores e métodos

de acompanhamento destinados a modelar cidades inclusivas, equitativas, democráticas e sustentáveis". O direito à cidade é concebido em todos os territórios urbanos e deve ser assegurado de forma a transformar as cidades em um patrimônio coletivo. Ainda com Saule Júnior (2016), o autor identifica os seguintes princípios essenciais para a realização desse direito: a erradicação de qualquer forma de discriminação, a promoção de uma cidadania inclusiva, a intensificação da participação política, o cumprimento das funções sociais, a criação de espaços públicos de alta qualidade, a promoção da igualdade de gênero, o incentivo à valorização da diversidade cultural e a fomentação de economias inclusivas.

Nossos sentidos são as portas de entrada da informação para o cérebro. Segundo Aristóteles, os cinco sentidos são encarregados por toda codificação sensorial. Para o filósofo, o ser humano conhece e reconhece as coisas e pessoas que o cercam devido aos sentidos. Então, os sentidos são utilizados em todos os momentos das nossas vidas e estão ligados a nós. Dominá-los é conhecer a nós mesmos. Os sentidos nos ajudam a formar ideias, imagens e compreender o mundo. É pela experiência sensorial que obtemos o conhecimento.

Por estimular todos os sentidos, o Jardim Sensorial como um instrumento de EA inclusiva acaba se tornando um instrumento para toda a sociedade, especialmente para portadores de deficiência ou de pessoas que estão em reabilitação (Almeida *et al.*, 2010). Além disso, é possível que pessoas com deficiência não se satisfaçam em ter um jardim que supra a sua necessidade de forma exclusiva, e sim com a possibilidade de usufruir de um local que possa ser compartilhado com todos (Minayo *et al.*, 1998). Nesta pesquisa, reconhecemos que uma abordagem qualitativa foi mais adequada e abrangente para compreender as interações entre as pessoas e o meio ambiente, superando, portanto, a lógica formal cartesiana.

Além dessa característica, entendemos que este trabalho tem também inspiração na Pesquisa-Ação Participante, uma categoria de pesquisa que se diferencia da pesquisa científica tradicional por interferir no próprio objeto de pesquisa ao mesmo tempo em que o estuda (Holliday, 2006). Essa metodologia sugere olhar a realidade para conhecê-la, entendendo-a como processo histórico-social, constituída por diversos aspectos inter-relacionados (econômico, social, político, cultural, local, individual) que, de forma isolada, distorcem os sentidos.

Utilizou-se também a observação participante, que propõe a instauração de uma adequada participação dos pesquisadores dentro dos grupos observados de modo a reduzir a estranheza recíproca (Martins, 1996; Kondrat *et al.*, 2013). A observação participante é um tipo de metodologia qualitativa em que o pesquisador participa da realidade da metodologia utilizando-se de sua observação ao mesmo tempo em que interage com os integrantes de sua pesquisa.

Além disso, como trazido por Thioulet (1986), a Pesquisa-Ação carrega consigo um caráter participativo ao promover uma enorme interação entre pessoas que pesquisam e pessoas pesquisadas. Numa Pesquisa-Ação Participante, Loureiro (2007, p. 165) diz que: “o pesquisador no processo de construção do conhecimento deve estar engajado na prática política transformadora da sociedade e comprometido com sua superação dialética”. O local de construção do Jardim Sensorial foi o Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte está situado na Zona de Proteção Ambiental 1 (ZPA-1), ocupando uma área total de 136,54 hectares, que engloba os bairros de Pitimbu, Candelária e Cidade Nova, na Zona Sul da cidade de Natal/RN.

O campo amostral desta pesquisa aplicou questionários com 50 participantes, no entanto, com os percursos percorridos, tivemos diversas visitas, mas muitas eram crianças, então ficamos com a composição de 41 participantes acima de 18 anos que aceitaram responder ao questionário, sendo possível obter uma variedade de perspectivas e experiências que podem ser representativas da população-alvo da pesquisa. Essa amostra nos permite capturar uma diversidade de opiniões, visões e vivências, contribuindo para uma compreensão mais abrangente da percepção ambiental que o público tem após passar pela experiência do Jardim Sensorial.

Como abordamos um público com a idade mínima de 18 anos, e, a pesquisa se caracteriza como qualitativa e exploratória, o foco está na compreensão aprofundada dos fenômenos e nas percepções dos participantes. Com um número menor de participantes, é possível dedicar mais tempo e recursos para analisar e interpretar as respostas de forma mais minuciosa e detalhadas, o que permite uma exploração mais aprofundada dos temas e uma compreensão mais rica dos significados e nuances envolvidos.

Jardim sensorial buscou engajar e envolver pessoas de todos os gêneros, não houve restrições em termos de participação com base no sexo. A educação ambiental através do jardim sensorial pretendeu atingir uma diversidade étnica e racial, com a inclusão de pessoas de diferentes origens e etnias. O objetivo foi proporcionar um ambiente inclusivo que estimulasse a psicodelia, que celebrasse a diversidade cultural e racial, ao acolher pessoas de todas as orientações sexuais e identidades de gênero, no sentido de criar um espaço seguro e terapêutico para a expressão da diversidade.

CONCLUSÃO: A SERENIDADE DE CONCLUIR SEM UM PONTO FINAL

Através da revisão bibliográfica realizada na pesquisa, identificamos que os Jardins Sensoriais têm aplicabilidade em diversas áreas, como educação ambiental, educação inclusiva, alfabetização científica, letramento psicodélico e práticas terapêuticas, conforme destacado por Leão (2007). Além de desempenharem um papel como espaços criativos e geopoéticos de ensino, esses jardins contribuem para uma abordagem sócio-filosófica mais lúdica, ao facilitar a compreensão de conteúdos frequentemente

considerados complexos, especialmente quando incorporados em contextos de sala de aula, como é o caso da botânica.

As conexões entre indivíduos, nascidas da partilha de suas experiências sensíveis, revelam a fluidez subjacente que define os espaços, ao conduzirem a sua transformação ao longo do tempo. Tais transformações sublinham a relevância de nossa influência na formação de um local específico, já que as vivências não estão imobilizadas, mas em contínua evolução no cotidiano (Mandarola Jr. *et. al*, 2023). Estabelecer um Jardim Sensorial proporciona oportunidades para a implementação de práticas educativas, exploração em campos como ecologia, etnobotânica, ciências ambientais, filosofia, geografia, bioarquitetura e percepção sensorial, entre outros domínios, tais como a própria psicodelia. No contexto da cultura urbana contemporânea, os Jardins Sensoriais destacam-se como recursos didáticos valiosos, pois podem ser utilizados para enriquecer aulas práticas, os estimular discussões e provocar reflexões sobre os temas do dia.

No contexto da inclusão social, a incorporação de um Jardim Sensorial por indivíduos com deficiência visual emerge como uma ferramenta auxiliar na compreensão de uma educação socioambiental. No espaço em questão vem a ser possível realizar uma variedade de trabalhos pedagógicos, como a manipulação de espécies da fauna e flora locais, o que, por sua vez, estimula a percepção e a experiência sensorial humana nos ambientes educacionais (Veiga, 2008). Os Jardins Sensoriais também desempenham um papel significativo na transformação da abordagem pedagógica convencional, que se concentra no conteúdo e na transmissão, para uma metodologia que emprega elementos psicodélicos, lúdicos e criativos para promover uma aprendizagem significativa entre os educandos (Leão, 2007). Apesar dos inúmeros benefícios educacionais e terapêuticos oferecidos pelos jardins sensoriais, observa-se uma lacuna na compilação abrangente desse conhecimento, resultando em uma divulgação e exploração limitadas desses espaços. Isso, por sua vez, dificulta a disseminação efetiva do entendimento sobre eles

Criar um Jardim sensorial é, portanto, penetrar profundamente nas estratificações do ambiente em que estamos inseridos, nas pessoas, na sensorialidade e nas respectivas percepções, exigiu uma desconstrução e uma reconstituição muito mais profundas do que o pensamento da análise geofilosófica e socioambiental, em todos os níveis de abstração (Dardel, 2011). Sendo assim, torna-se cada vez mais claro, que esta reestruturação profunda não pode ser compreendida, apenas com os instrumentos e espaços convencionais da cidade de Natal-RN, isso não significa que estes instrumentos devam ser abandonados. Em vez disso, eles devem ser flexíveis e adaptativamente reestruturados, para lidar de maneira mais eficaz com a inclusão social, com uma educação ambiental mais presente, eficaz, multissensorial e leve (Almeida, 2019). Acreditamos que é nesta coexistência de elementos de

planejamento e concepção dos espaços urbanos criativos que a história da cidade e da sociedade igualitária se realizam plenamente, eles são geradores de novos comportamentos, identidades e criatividade e são neles que as relações socioambientais se manifestam e se multissensorializam.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. C. et al. Botânica em cinco sentidos: o jardim sensorial como um instrumento para a sensibilização quanto a importância da botânica em escolas de um município do sertão piauiense. *Research, Society, and Development*, v. 10, n. 1, 2021.

ALMEIDA, G. S.; FORTUNATO, L. A arte de habitar a cidade como poeta: criatividade e urbanismo tático em Natal. In: Alex Galeno; Fagner França; Lucas Fortunato. (Org.). *Rebelados da Cultura: Geopoéticas e Resistências* (volume 3). 1ed.Natal: Caravela Selo Cultural / Edições Marginália, 2022, v., p. 313-330.

ALMEIDA, R. G; MAIA, S. A.; JÚNIOR, M. A. R; LEITE, R. P. A.; SILVEIRA, G. T. R.; FRANCO, A. R. Biodiversidade e botânica: educação ambiental por meio de um jardim sensorial. *Conecte-se!: Revista Interdisciplinar de Extensão*. v. 1, n.1, 2017.

ALMEIDA, R. F. *Despertando sentidos: a concepção de uma experiência para o Jardim Sensorial da UFRN*. 2019. 109 f. TCC (graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Bacharelado em Design, Natal, 2019.

ALVES, S. F. N. S. C.; PAIVA, P. D. O. Os sentidos: jardins e paisagens. *Revista Brasileira de Horticultura Ornamental*, v.16, n.01, p. 47-49, 2010.

ASSIS, M. M. *A importância do espaço sensorial para apreensão e reflexão do conhecimento científico disciplinar*. In: ____ Os desafios da escola pública Paranaense na Perspectiva do professor PDE. Editora Paraná. 2014.

ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. Petrópolis: Vozes, 1998.

ASSUMPÇÃO JUNIOR, FRANCISCO B; ADAMO, S. Reconhecimento olfativo nos transtornos invasivos do desenvolvimento. *Arquivos Neuro-Psiquiatria*, São Paulo, v. 65, n.4, dec., 2007.

ARAÚJO, Luiz Alberto David; MAIA, Maurício. A Cidade, o Dever Constitucional de Inclusão Social e a Acessibilidade / The City, the Constitutional Duty to Inclusion and Accessibility. *Revista de Direito da Cidade*, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 225-244, fev. 2016.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de P. Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAPTISTA, G. C. S.; EL-HANI, C. N. Investigação etnobiológica e ensino de biologia: uma experiência de inclusão do conhecimento de alunos agricultores na sala de aula de biologia. *Ensino de Ciências – Pesquisas e Reflexões*. Holos Ed., 2006.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004

BARROS, M. I. A. *Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza*. Rio de Janeiro: Instituto Alana, 2018.

BARTHES, R. Semiologia e urbanismo in: GOMES, R. C. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p: 154.

BEDIM, B P. Trilhas Interpretativas como instrumento didático à Educação Biológica e Ambiental: Reflexões. In: *BIOED 2004 – INTERNATIONAL CONFERENCE ON BIOLOGY EDUCATION, SUSTAINABLE DEVELOPMENT, ETHICS AND CITIZENSHIP*. Rio de Janeiro, 2004.

BERNA, V. S. D. *Como trabalhar com projetos em educação ambiental*. Disponível em: <www.jornaldomeioambiente.com.br>. Acesso em 20 de agosto de 2023.

BESSE, J-M. Geografia e Existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, E. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: ed. Perspectiva, 2011.

BORGES, T.A.; PAIVA, S.R. Utilização de Jardim Sensorial como recurso didático. *Revista Metáfora Educacional*, n.7. p. 27-32. 2009.

BRAGA, M.A. Evolução dos jardins através dos tempos. In: SHIRAKI et al. *Curso Municipal de Jardinagem*. Departamento de Educação Ambiental e Cultura de Paz – Umapaz. São Paulo, 2010. cap.14. p. 144-154

CARDOZO MACHADO, E.; ARANTES DE BARROS, D. Jardim sensorial: o paisagismo como ferramenta de inclusão social e educação ambiental. *Extensão Tecnológica: Revista de Extensão do Instituto Federal Catarinense*, Blumenau, v. 7, n. 13, p. 142–154, 2020. DOI: 10.21166/rext.v7i13.1208.

CASSAS, F., SILVA, D. S., BARROS C., REIS N. F. C., RODRIGUES E. Canteiros de plantas medicinais, condimentares e tóxicas como ferramenta de promoção à saúde no Jardim Botânico de Diadema, SP, Brasil. *Revista Ciência Ext*, v.12, n.2, p.37-46, 2016.

CHAGAS, KADYDJA KARLA NASCIMENTO. *A sensível no trabalho docente: representação social entre docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte*. 2014. 216 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

CHAGAS, KADYDJA KARLA NASCIMENTO. *Por uma educação ambiental corporalizada: a emoção em trilhas interpretativas*. 2007. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994

CHIMENTTI, B.; CRUZ, P. G. *Jardins Sensoriais*. 2008.

CORDEIRO, P. H. F., PRESTES, R. F. R., PERIOTTO, F., BARON, D. *Jardim sensorial: ambiente não formal de ensino em botânica*. São Carlos: UFSCar/CPOI. 2019.

COSTA DE FREITAS, J. C. Que é isto - a Filopsicodelia?: O Reflorescimento da Filosofia Psicodélica . Princípios: Revista de Filosofia (UFRN), v. 30, n. 62, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/31841>

COSTA DE FREITAS, J. C.; ALMEIDA, G. S.; CASTRO, D. M. B. Uma Visão Medicinal-Recreativo-Sacramental da Cannabis: contra a Tricotomia Epistemológica e em Defesa da Saúde Holística. *Polymatheia* – Revista de Filosofia, v. 16, n. 2, p. 233-255, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/10744>

DARDEL, Éric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: ed. Perspectiva, 2011.

ELY, V. H. M. B.; DORNELES, V. G.; WAN-DALL JUNIOR, O. A.; ZOZOLLI, A.; SOUZA, J. C. *Jardim universal: espaço público para todos*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ERGONOMIA. Anais do Congresso Brasileiro de Ergonomia. Curitiba: ABERGO, 2006.

FRANCO, M. A. S. Pesquisa-ação pedagógica: práticas de empoderamento e participação. *Educ. Temat. Digit*, Campinas, SP, v. 18, n. 2, p. 511-530, abr./jun., 2016.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Tradução brasileira de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes. Bragança paulista: Ed Universidade São Francisco, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012

LEÃO, J. F. M. C. *Identificação, seleção e caracterização de espécies vegetais destinadas à instalação de jardins sensoriais táteis para deficientes visuais, em Piracicaba (SP)*, Brasil. 136f. Tese (Doutorado em Agronomia). 2007.

LEFF, E. *Epistemologia ambiental*. São Paulo: Cortez, 2001.

LOPES, Iarima Naama Ferreira. *Proposta de um jardim sensorial para educação ambiental e promoção da saúde no ensino médio*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Manaus Centro, Manaus, 2021.

LOUREIRO, F. Pesquisa-Ação Participante e Educação Ambiental: uma abordagem dialética e emancipatória. In: TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. *A pesquisa-ação-participativa em educação ambiental: reflexões teóricas*. Botucatu: Fundibio, p. 13-56, 2007, 165 p.

MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MARANDOLA JR., E.; BATISTA, G. S. A Casa como Experiência-Limite: Sentidos Fenomenológicos e Hermenêuticos do Habitar. *Kalagatos*, v. 20, n. 2, p. eK23020, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/10847>.

MARTINS, J. B. Observação Participante: uma abordagem metodológica para a Psicologia Escolar. *Seminário Ciências Sociais / Humanas*. 17 (3), 266-273. 1996.

MELAZO, Guilherme Coelho. Percepção ambiental e educação ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano. *Olhares & Trilhas*, v. 6, n. 1, 2005.

- MENEZES, C. R.; HARDOIM, E. L. Identificação, seleção e caracterização das espécies vegetais destinadas ao Jardim Sensorial Tumucumaque, município de Serra do Navio, AP/Brasil. *Biota Amazônia*. v.3.p.22-30, 2013.
- MARANDOLA JR, Eduardo José. Heidegger e o pensamento fenomenológico em geografia: sobre os modos geográficos de existência. *Geografia*. Rio Claro, v. 37, n. 1, p. 81-94, jan. /Abr. 2012.
- MARANDOLA JR., E. Ainda é possível falar em experiência urbana? Habitar como situação corpo-mundo. *Caderno Prudentino de Geografia*, v. 2, n. 42, p. 10–43, 2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7881>. Acesso em: 12 jun. 2024.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª ed: Martins Fontes, 1999.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1998, 80 p.
- MORTIMER, Eduardo. Fleury. Construtivismo, mudança conceitual e ensino de ciências: para onde vamos? *Investigações em Ensino de Ciências*, vol.1, n.1, abril, 1996.
- OLIVEIRA, E. C., & Costa, A. P. M. Paradigmas, desenvolvimento sensorial como tema de educação ambiental. *Caminhos de Geografia*, 7(18), 2006. pp. 17-26
- OSÓRIO, M. G. W. *O Jardim Sensorial como instrumento para Educação Ambiental, Inclusão e Formação Humana*. 68 p. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Ciências Biológicas). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas. Florianópolis- SC, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/192871> >
- PIMENTA, S. G. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, SP, vol. 31, n. 3, p. 521-539, set. /dez., 2005.
- RABINOVICH, E. P. (2003). Nos tempos das avós. In: CARVALHO, A. M. A.; MAGALHÃES, C.M.C.; F.A.R. BICHARA, I. D. P. (Orgs). *Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca*. (9-29). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- RAMPAZZO, L. *Metodologia Científica*. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2002.
- REIGOTA, M. *Meio ambiente e representação social*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- RIBES, C. A.; D'OLIVEIRA, R. G.; CHAGAS, K. K. N.; ALMEIDA, G. de S. COVID-19 E AÇÕES EDUCATIVAS AMBIENTAIS DO MUNICÍPIO DE NATAL/RN: Estudo de caso. *Revista Cronos*, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 83–101, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/32139>.
- SABBAGH, M.C.; CUQUEL, F.L. Jardim sensorial: uma proposta para crianças deficientes visuais. *Revista Brasileira de Horticultura Ornamental*, v.13, n.2. p.95-99, 2007.

SANTOS, A. N.; LOPES, E. T. Ensino de ciências para surdos numa perspectiva de inclusão escolar: um olhar sobre as publicações brasileiras no período entre 2000 e 2015. *Revista Debates em Educação*. v. 9, n. 18, mai.-ago. 2017.

SAULE JÚNIOR, N. O direito à cidade como centro da nova agenda urbana. *Boletim regional, urbano e ambiental*, São Paulo, ed. 15, p. 73-76, 2016.

SILVA, R. M.; BOTEZELLI, L.; IMPERADOR, A. M. Trilhas interpretativas e jardins sensoriais: práticas de incentivo à dimensão crítico-dialógica da Educação Ambiental no ambiente escolar. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, v. 17, n. 5, p. 190-202, 2022

SHIMABUKO JUNIOR, J. B.; HARDOIM, E. L. Remexendo o esqueleto: uma proposta de ensino do sistema ósseo para surdos e ouvintes. *Revista educação, artes e inclusão*, v. 13, n. 1, p. 077-096, 2017.

THIESEN, J. da S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. *Revista brasileira de educação*, v. 13, p. 545-554, 2008.

THIOLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, Autores Associados (Coleção temas básicos de pesquisa-ação). 1986, 108 p.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. SciELO-EDUEL, 2012.

VEIGA, C. B. Jardim sensorial. *Natureza*, v. 21, n. 245, jun. 2008. Disponível em: <http://olhosdepesquisador.blogspot.com/2008/06/matria-publicada-na-revistanatureza.html>. Acesso em 12 de Novembro de 2023.



ALMEIDA, Geovane de Souza; RIBES, Christel Angelina. Despertar e Expansão de Novas Consciências: Outras Formas de Habitar junto à Beleza, Psicodelia, Terapia e Cura via Jardim Sensorial. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.21, n.2, 2024, eK24027, p. 01-20.

Recebido: 05/2024

Aprovado: 06/2024